

# ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS E FATORES RELACIONADOS À SAÚDE BUCAL E ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS DE ADOLESCENTES DE UM MUNICÍPIO CEARENSE: CARACTERIZAÇÃO E ASSOCIAÇÃO

Joice Monteiro Paulino <sup>1</sup>

Letícia Pereira Felipe <sup>2</sup>

Ana Caroline Rocha de Melo Leite <sup>3</sup>

## RESUMO

Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) figuram entre as doenças mais recorrentes no cenário mundial, acometendo órgãos genitais e outros sítios anatômicos, incluindo a cavidade oral. As lesões na cavidade oral podem ser percebidas facilmente, permitindo o diagnóstico precoce e acompanhamento da evolução do quadro clínico. Nesse contexto, os adolescentes se destacam pela maior vulnerabilidade a IST e doenças bucais. O estudo objetivou caracterizar e associar os aspectos socioeconômicos e os fatores relacionados à saúde bucal e às IST de adolescentes de um município cearense. Trata-se de um estudo observacional analítico transversal conduzido com adolescentes, entre 14 e 19 anos, da Escola de Ensino Médio João Alves Moreira (Aracoiaba – CE), realizada em maio de 2019. Após consentimento, foi aplicado um questionário abordando os seguintes pontos: - fatores socioeconômicos; - participação em ações educativas, autopercepção e hábitos em saúde bucal; - conhecimento sobre IST e sua relação com a cavidade oral. Os dados foram devidamente tabulados e analisados usando o programa estatístico *Epi info* versão 7.0.2. Dos 102 participantes, 52,94% eram do sexo feminino, 52,94% admitiam que as lesões orais poderiam indicar IST e 79,41% desconheciam as possíveis alterações que poderiam ser detectadas pelo autoexame da cavidade oral. Observou-se uma relação significativa entre ser estudante com renda superior a 1 salário mínimo e não ter a

---

<sup>1</sup> Discente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: [joicemonteiro43@gmail.com](mailto:joicemonteiro43@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: [leticiafelipe.51.51@gmail.com](mailto:leticiafelipe.51.51@gmail.com)

<sup>3</sup> Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: [acarolmelo@unilab.edu.br](mailto:acarolmelo@unilab.edu.br)

percepção de que lesões orais podem indicar IST, assim como não ter companheiro e desconhecer as IST. Concluiu-se que os adolescentes, embora apresentassem condições financeiras desfavoráveis, tinham boa autopercepção da saúde bucal e hábitos adequados de higiene oral, inclusive participando de ações educativas voltadas a esse tipo de saúde. Apesar de desconhecerem as lesões que podem ser encontradas na cavidade oral em decorrência das IST e a forma de transmissão dessas infecções, os estudantes conheciam as doenças e sua relação com a cavidade bucal, além de realizarem o autoexame dessa estrutura, ainda que não saibam quais alterações procurar e terem sido orientados por profissionais de saúde.

**Palavras-chave:** Adolescente; Doenças Sexualmente Transmissíveis; Saúde bucal; Conhecimento.

### **ABSTRACT**

Sexually Transmitted Infections (STIs) are among the most recurrent diseases globally, affecting genitals and other organs, including the oral cavity. In this case, its manifestation may represent an essential strategy for early diagnosis and evolution. In this context, adolescents are highlighted by their greater vulnerability to STIs and oral diseases. The study aims to characterize and associate socioeconomic aspects and factors related to oral health and STI among adolescents in a municipality in Ceará. This is an observational analytical cross-sectional study conducted with adolescents between 14 and 19 years old from João Alves Moreira High School (Aracoiaba - CE), carried out in May 2019.: - socioeconomic factors; - participation in educational activities, self-perception and habits in oral health; - knowledge of STI and its relationship with the oral cavity. The data were tabulated correctly and distributed. Of the 102 participants, 52.94% were female, 52.94% admitted that they reason or originate STIs, and 79.41% were unaware of possible changes that can be detected by self-examination of the oral cavity. There was a relationship between being a student with an income higher than one minimum wage and not having the perception that oral lesions may indicate STI and not having a partner, and not knowing how to STI. It was concluded that the adolescents, although they presented unfavorable financial conditions, had good self-perception of oral health and adequate oral hygiene, including participating in educational actions aimed at this type of health. Despite not being aware of the changes in STIs in the oral cavity and the transmission of these occurrences, students were aware of these diseases and their relationship with the

oral cavity and conducting a self-examination of this structure and having been guided by health professionals.

**Keywords:** Adolescent; Sexually Transmitted Diseases; Oral health; Knowledge.

## INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços científicos e tecnológicos, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) ainda figuram entre as doenças mais recorrentes no cenário mundial, ocasionadas por diferentes agentes etiológicos, como vírus, bactérias, fungos e protozoários (NEWMAN et al., 2015; VICENTE et al., 2020; MOURA et al., 2021). Em decorrência da sua elevada incidência e prevalência, bem como de suas consequências psicossociais e econômicas (BOTTEGA et al., 2016), elas são tidas como um importante problema de saúde pública vivenciado pelo mundo globalizado.

Em termos epidemiológicos, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), mais de um milhão de indivíduos adquirem IST diariamente, com 500 milhões se infectando com as formas curáveis (sífilis, gonorreia, clamídia e tricomoníase) (MOURA et al., 2021). No Brasil, as altas taxas de acometimento da população são acompanhadas por um maior envolvimento de adolescentes e adultos jovens (DOURADO et al., 2020), corroborando com o ditado pela literatura (BERALDO et al., 2020). Essa aponta ainda uma alteração do perfil de ocorrência dessas doenças, com elevação significativa do número de casos entre mulheres (MOURA et al., 2021).

Quanto a sua transmissibilidade, as IST são especialmente propagadas por relações sexuais com indivíduo infectado sem o uso de preservativo, além do contato mãe-filho (durante o período gestacional, parto ou amamentação), transfusão sanguínea e uso de aparelhos perfurocortantes contaminados (VICENTE et al., 2020; BOTTEGA et al., 2016).

Nessa conjuntura, maior vulnerabilidade é apresentada por adolescentes a IST, o que pode ser compreendida pelas intensas alterações fisiológicas, anatômicas, psicológicas e sociais vivenciadas por esses sujeitos (ALMEIDA et al., 2017), pode estar relacionada à prática de atividade sexual desprotegida como consequência da falta de informação e comunicação entre familiares, além da presença de tabus e receio em assumir a sexualidade (ALMEIDA et al., 2017). Essa fragilidade acentua-se ao se observar que, mesmo diante da facilidade de obtenção da informação por uma multiplicidade de meios, os adolescentes apresentam uma deficiência no acesso à

orientação e serviços que ofereçam métodos contraceptivos e preventivos de IST (OLIVEIRA et al., 2013).

Sobre os seus sinais e sintomas, embora possam ser assintomáticas, elas podem-se manifestar desde corrimento genital e odor, edema e dor a lesões vesiculares, pápulas e feridas em órgãos genitais e em outros órgãos, incluindo a cavidade oral (VICENTE et al., 2020; BOTTEGA et al., 2016; BERALDO et al., 2020).

No âmbito da cavidade oral, seu acometimento por IST pode representar uma importante estratégia de diagnóstico precoce e evolução (BERALDO et al., 2020), especialmente se admitida a possibilidade de detecção pelo autoexame bucal. Sua contribuição nesse processo pode-se relacionar ao fato de ser uma estrutura do organismo com elevado poder de infectividade, além de ser capaz de exibir sinais e sintomas primários e secundários de importantes IST, como sífilis, Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (AIDS) e Papiloma Vírus Humano (HPV) (RIBEIRO et al., 2012).

O adolescente vivencia um período de maior susceptibilidade a doenças bucais, pelo controle inadequado do biofilme dental, deficiência nos cuidados com a cavidade oral (SILVA et al., 2012), consumo de alimentos cariogênicos e alteração da microbiota oral resultante de modificações hormonais (SARMENTO; SANTOS; LIMA, 2020). Somado a isso, historicamente, eles fazem parte dos grupos em que a atenção à saúde bucal é carente, apesar das políticas públicas brasileiras instituídas buscarem a focalização em grupos distintos do materno-infantil (SPEZZIA; CARVALHEIRO; TRINDADE, 2015).

Nesse âmbito, torna-se necessário a atuação da escola e de uma equipe multidisciplinar, a qual deve incluir, além do cirurgião-dentista, o enfermeiro, pela responsabilidade que esse apresenta diante dos cuidados cotidianos com a higiene oral (ARAÚJO et al., 2010) e no papel que exerce na minimização dos riscos desnecessários à saúde do adolescente, especialmente no desempenho da orientação e reflexão sobre a vida sexual e suas consequências, as quais incluem a gravidez precoce e aquisição de IST (BATISTA et al., 2021).

Com base no acima exposto, o estudo objetivou caracterizar e associar os aspectos socioeconômicos e os fatores relacionados à saúde bucal e às IST de adolescentes de um município cearense.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo observacional analítico transversal conduzido com estudantes da Escola de Ensino Médio João Alves Moreira, localizada na zona rural do município de Aracoiaba – CE. A pesquisa foi realizada em maio de 2019 e incluiu adolescentes entre 14 e 19 anos. Foram excluídos estudantes que estavam ausentes da sala de aula no momento da aplicação do questionário.

Após a apresentação do projeto aos estudantes e aceita a participação, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi aplicado e assinado. Para os participantes com idade inferior a 18 anos, o TCLE foi assinado pelos pais ou responsável e, logo após, o Termo de Assentimento foi lido e assinado pelo estudante.

Logo depois, foi solicitado o preenchimento de um questionário, elaborado pelo pesquisador, o qual abordava os seguintes pontos: - fatores socioeconômicos (idade, sexo, estado civil, escolaridade, ocupação e renda familiar); - participação em ações educativas, autopercepção e hábitos em saúde bucal (escovação dental e frequência e higienização da língua); - conhecimento de IST e sua relação com a cavidade oral.

Os dados foram tabulados no *Microsoft Excel* versão 2013 e analisados pelo programa *Epi Info* versão 7.0.2. A partir da análise descritiva, foram obtidas as frequências relativas e absolutas das variáveis categóricas. Para a análise das associações entre essas variáveis, foram aplicados os testes qui-quadrado de Pearson e exato de *Fisher*. Foi admitido o valor de  $P < 0,05$ .

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob o CAAE 26146213.6.0000.5576 e parecer nº 2.322.721.

## **RESULTADOS**

Participaram do estudo 102 adolescentes, dos quais 52,94% ( $n = 54$ ) eram do sexo feminino, 61,76% ( $n = 63$ ) eram menores de 18 anos, 44,12% ( $n = 45$ ) cursavam o segundo ano do ensino médio e 68,63% ( $n = 70$ ) não tinham companheiro. Sobre a renda familiar e o vínculo empregatício, 75,49% ( $n = 77$ ) dos participantes relataram ter renda igual ou inferior a um salário mínimo e 89,21% ( $n = 91$ ) não exerciam atividade remunerada (Tabela 1).

**Tabela 1.** Características socioeconômicas de estudantes de uma escola de ensino médio. Aracoiaba – CE, Brasil, 2019

<b>Variáveis (N = 102)</b>	<b>N</b>	<b>(%)</b>
<b>Sexo</b>		
Masculino	48	47,06
Feminino	54	52,94
<b>Idade</b>		
≤ 17	63	61,76
> 17	39	38,24
<b>Série</b>		
1º ano	22	21,57
2º ano	45	44,12
3º ano	35	34,31
<b>Estado civil</b>		
Com companheiro	32	31,37
Sem companheiro	70	68,63
<b>Renda familiar</b>		
≤ 1 salário mínimo	77	75,49
> 1 salário mínimo	25	24,51
<b>Vínculo empregatício</b>		
Sim	11	10,79
Não	91	89,21

No tocante à participação em atividades educativas relacionadas à saúde bucal, 91,18% (n = 93) dos estudantes já tinham participado desse tipo de atividade. Em relação à percepção quanto à saúde oral, 98,04% (n = 100) dos adolescentes admitiam ter boa saúde bucal. Com respeito à escovação dentária e sua frequência, 99,02% (n = 101) dos participantes escovavam os dentes diariamente e 54,90% (n = 56) faziam a escovação três vezes ao dia. Sobre os meios utilizados na higienização da cavidade oral, os estudantes citaram a escova, creme e fio dental. Quanto à higienização da língua, 98,04% (n = 100) dos pesquisados mencionaram fazê-la. (Tabela 2).

**Tabela 2.** Participação em atividades educativas, autopercepção e hábitos em saúde bucal de estudantes de uma escola de ensino médio. Aracoiaba – CE, Brasil, 2019

<b>Variáveis (N = 102)</b>	<b>N</b>	<b>(%)</b>
<b>Participação em atividades educativas relacionadas à saúde bucal</b>		
Sim	93	91,18
Não	9	8,82
<b>Autopercepção da saúde oral</b>		
Boa	100	98,04
Ruim	2	1,99
<b>Escovação diária<sup>a</sup></b>		
Sim	1	0,98

Não		
<b>Frequência de escovação diária</b>		
< 3 vezes	46	45,10
≥ 3 vezes	56	54,90
<b>Higienização da língua</b>		
Sim	100	98,04
Não	2	1,96

<sup>a</sup>Foram citados escova, creme e fio dental usados para escovação.

Quando questionados sobre as IST, 89,22% (n = 91) dos adolescentes responderam conhecer algumas das IST, especialmente a afta, AIDS, herpes e sapinho (Candidíase oral). Sobre a forma de transmissão, 73,53% (n = 75) dos participantes referiram a transmissão pelo beijo. Quanto à possibilidade de lesões orais indicarem a presença de IST, 52,94% (n = 54) dos estudantes admitiam essa associação, mencionando, como exemplos dessas infecções, a AIDS, herpes, sífilis, sapinho e gonorreia (Tabela 3).

No que se refere à orientação/informação realizada pelo profissional de saúde sobre doenças sexuais capazes de acometer a cavidade oral, 77,45% (n = 79) dos pesquisados tinham sido orientados, principalmente por médicos, enfermeiros, cirurgiões-dentistas e agentes comunitários de saúde. No tocante ao autoexame da cavidade oral, 58,82% (n = 60) dos participantes afirmaram fazê-lo e 79,41% (n = 81) desconheciam as possíveis alterações que poderiam ser detectadas. Os participantes que disseram conhecê-las indicaram bolhas, sangramentos, inchaços, queda de dentes e feridas.

**Tabela 3.** Conhecimento de Infecções Sexualmente Transmissíveis e sua relação com a cavidade oral de acordo com estudantes de uma escola de ensino médio. Aracoiaba – CE, Brasil, 2019

<b>Variáveis (N = 102)</b>	<b>n</b>	<b>(%)</b>
<b>Conhecimento de IST<sup>a</sup></b>		
Sim	91	89,22
Não	11	10,78
<b>Transmissão de IST pelo beijo</b>		
Sim	75	73,53
Não	27	26,47
<b>Possibilidade de lesão oral indicar IST<sup>b</sup></b>		
Sim	54	52,94
Não	48	47,06
<b>Orientação por profissionais de saúde<sup>c</sup></b>		
Sim	79	77,45
Não	23	22,55

<b>Realização do autoexame</b>		
Sim	60	58,82
Não	42	41,18
<b>Identificação de lesões orais<sup>d</sup></b>		
Sim	21	20,59
Não	81	79,41

<sup>a</sup>Citados afta, AIDS, herpes e sapinho (candidíase oral); <sup>b</sup>Mencionados AIDS, herpes, sífilis, sapinho e gonorreia; <sup>c</sup>Orientações por médicos, enfermeiros, cirurgiões-dentistas e agentes comunitários de saúde; <sup>d</sup>Bolhas, sangramentos, inchaços, queda de dentes e feridas.

Quando avaliada a associação entre o sexo, renda e percepção de que lesões orais podem indicar a presença de IST, observou-se uma relação significativa entre ser participante do sexo feminino e ter essa percepção ( $p = 0,008$ ), assim como ter renda superior a 1 salário mínimo e não ter essa percepção ( $p = 0,012$ ). Para a relação entre a idade e realização de autoexame da cavidade oral, constatou-se uma associação significativa entre ser participante com idade inferior ou igual a 17 anos e realizar esse tipo de exame ( $p = 0,012$ ). Quanto à associação entre o estado civil e conhecimento de IST, houve uma relação significativa entre ser participante sem companheiro e desconhecer esse tipo de infecção ( $p = 0,012$ ) (Tabela 4).

**Tabela 4.** Associação entre os aspectos socioeconômicos e fatores vinculados às Infecções Sexualmente Transmissíveis e sua relação com a saúde bucal de estudantes de uma escola de ensino médio. Aracoiaba – CE, Brasil. 2019

Variáveis	Conceito de IST <sup>a</sup>		Percepção de que lesões orais indicam IST <sup>a</sup>		Realização de autoexame da cavidade oral		Valor de P*
	n (%)		n (%)		n (%)		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
<b>Sexo</b>							
Masculino	44	4	19	28	26	22	P<0,05
	91,67	8,33	40,43	59,57	54,17	45,83	
Feminino	47	7	35 <sup>2</sup>	18	34	20	
	87,04	12,96	66,04	33,96	62,96	37,04	
<b>Idade</b>							
≤ 17 anos	44	19	32	29	43 <sup>4</sup>	20	P<0,05
	69,84	30,16	52,46	47,54	68,25	31,75	
> 17 anos	28	11	22	27	17	22	



	71,79	28,21	56,41	43,59	43,59	56,41	
<b>Estado civil</b>							
Com companheiro	32 100,00	0 0,00	15 46,88	17 53,13	3 100,00	0 0,00	
							P<0,05
Sem companheiro	59 84,29	11 <sup>1</sup> 15,71	39 57,35	29 42,65	17 53,13	15 46,88	
<b>Renda familiar</b>							
≤ 1 salário mínimo	54 70,13	23 29,87	37 48,68	39 51,32	47 61,04	30 38,96	
> 1 salário mínimo	18 72,00	7 28,00	17 70,83	7 <sup>3</sup> 29,17	13 52,00	12 48,00	P<0,05

<sup>a</sup>IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis. \*Teste exato de *Fisher*; <sup>1</sup>P = 0,012; <sup>2</sup>P = 0,008; <sup>3</sup>P = 0,046; <sup>4</sup>P = 0,012.

## DISCUSSÃO

O desenvolvimento da pesquisa possibilitou conhecer a realidade vivenciada por adolescentes de uma escola de ensino médio pública da zona rural do município de Aracoiaba – CE, no que se refere aos fatores socioeconômicos e aspectos relacionados aos hábitos de higiene bucal e conhecimento de IST e sua relação com a cavidade oral.

Neste estudo, o número significativo de participantes do sexo feminino, achado que corrobora com Campos et al. (2020), pode ser compreendido com base na V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) (ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR - ANDIFES, 2018). Segundo essa pesquisa, a predominância do gênero feminino no ensino médio pode estar relacionada à evasão escolar do gênero masculino em decorrência da necessidade precoce de desenvolver atividades laborais remuneradas.

No que se refere à faixa etária da população estudada, o maior quantitativo de estudantes com idade inferior a 18 anos, resultado que se assemelha à Almeida et al. (2017), pode decorrer do limite de idade estabelecido para a inclusão nessa pesquisa, bem como pelo fato de mais de 60% dos participantes cursarem o 1º e 2º anos do ensino médio.

Particularmente, para o predomínio de estudantes do 2º ano entre os pesquisados, pode-se supor que tenha ocorrido pelo maior interesse em participar de pesquisas associado ao fato de não estarem vivenciando o ingresso no ensino médio e, portanto, adaptando-se a uma nova realidade, e não estarem intensamente dedicados ao preparo para o vestibular, como se observa com os estudantes do 3º ano do ensino médio.

No que diz respeito às relações afetivas, o fato de grande parcela dos participantes não referirem ter companheiro, à semelhança do estudo de Spinola (2020), pode estar relacionado à fase de vida desses estudantes, marcada pela iniciação da vida sexual (GAZENDAM et al., 2020), descoberta do corpo e menor tendência a ter uma parceira fixa (DIAS et al., 2017).

Quanto à renda mensal familiar, a constatação de que a maior parte dos pesquisados tinham uma renda igual ou inferior a um salário mínimo, o que está de acordo com Dias et al. (2017) e Gonçalves e Santos (2017), pode ser justificado pelo elevado percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1 salário mínimo (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2010).

Quando questionados sobre o vínculo empregatício, a maioria dos adolescentes mencionaram não ter esse tipo de vínculo, resultado que corrobora com os dados encontrados na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PenSE de 2016. Segundo ela, a maior parte dos adolescentes das capitais brasileiras não exerciam nenhum tipo de atividade remunerada. Esse achado pode ser explicado pelo fato desses adolescentes serem proibidos de desenvolver atividade trabalhista, exceto nos casos de aprendizes, em que fica permitido indivíduos de 14 a 16 anos, conforme a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988).

Com relação à participação em atividades relacionadas à saúde bucal, a afirmação dessa participação pela quase totalidade dos pesquisados, embora surpreendente e em conformidade com Pacheco et al. (2018), foi um dado obtido de extrema relevância. Realmente, segundo Silva et al. (2012), a educação em saúde bucal se destaca por propiciar a otimização dos hábitos de higiene oral, além de possibilitar a conscientização e maior conhecimento do indivíduo, no contexto da prevenção de agravos e acometimentos em saúde bucal.

Em relação à autopercepção da saúde oral, os adolescentes avaliaram-na positivamente, resultado que se assemelha aos achados de Santos et al. (2016). Nesse âmbito, vale ressaltar que a autopercepção de saúde é entendida como a interpretação do estado de saúde, a partir de informações e conhecimentos disponíveis sobre a saúde e doença (MARTINS et al., 2009), e que, no aspecto da saúde bucal, pode ser influenciada por diferentes fatores, como determinantes sociais e biológicos, de acordo com as necessidades e potencialidades do indivíduo (SANTOS et al., 2016).

Acerca da higienização da cavidade oral, o fato da maioria dos participantes relatarem realizá-la diariamente consolida os achados de Silva et al. (2019). Em pesquisa conduzida por esses autores, 87% dos adolescentes usuários da estratégia de saúde da família do município de Umirim-CE tinham o hábito de realizar a escovação dentária diária. Quanto ao maior número de estudantes que escovavam os dentes três vezes ao dia, esse dado, além de sugerir hábitos adequados acerca da saúde bucal (MILAN et al, 2019), está de acordo com a recomendação da Associação Dentária Americana (ADA). Segundo essa, a escovação deve ser realizada 2 vezes ao dia para a remoção eficaz dos microrganismos da placa dental (BARBOZA, 2017; BHUIYAN et al., 2020).

Com respeito aos meios empregados na escovação, os adolescentes da pesquisa citaram a escova, dentifrício e fio dental, o que pode estar associado ao amplo acesso e difusão da informação, especialmente por esse público, a respeito do emprego desses dispositivos para uma adequada higiene bucal (THAPA et al., 2016; AHMAD et al., 2018). Particularmente, para a utilização do fio dental, esse achado torna-se relevante se considerado que ele propicia a remoção eficiente do biofilme interproximal, o que pode estar relacionado à participação dos estudantes em ações de educação em saúde (KUBO; MIALHE, 2011).

Sobre a higienização da língua, o grande percentual de pesquisados que mencionaram realizá-la condiz com a pesquisa de Santos et al. (2013). Nesse sentido, vale mencionar que, de acordo com Cruz et al. (2015), a higienização da língua tem a potencialidade de reduzir a incidência de halitose, especialmente por remover grande parte das bactérias que habitam a cavidade oral, inclusive as localizadas na parte posterior da língua (CRUZ et al., 2015).

Quando questionados sobre as IST, o elevado quantitativo de estudantes que responderam conhecê-las vai de encontro aos estudos de Spinola (2020) e Genz et al.

(2017). É possível que esse fenômeno tenha ocorrido como consequência da grande densidade de informação a respeito de práticas sexuais na atualidade e facilidade de acesso, principalmente pela internet, bem como pela incorporação dessa temática pela família (SPINOLA, 2020; FURLANETTO et al., 2019). Pode-se supor ainda, como justificativa para esse fenômeno, o envolvimento dos participantes em atividades educativas na escola, o que evidencia a necessidade do contato do profissional de saúde com essa entidade de ensino (ALMEIDA et al., 2017).

No que se refere às formas de transmissão das IST, o fato de mais de 70% dos pesquisados desconhecem a transmissão relatando o beijo como um desses meios, o que diverge da literatura, a qual afirma que essas infecções são geralmente transmitidas pelo contato sexual com uma pessoa infectada sem o uso de preservativo ou pelo uso de instrumentos perfurocortantes contaminados (BOTTEGA et al., 2016). Ainda, segundo os autores, as IST mais recorrentes correspondem a: herpes genital e oral; HPV; *Chlamydia trachomatis*; candidíase (inclui o sapinho); sífilis; gonorreia; tricomoníase e AIDS.

Assim, com base no acima mencionado, observa-se um baixo nível de conhecimento acerca das formas de transmissão na população estudada, especialmente no que se refere às formas de transmissão das IST, reforçando a necessidade da implementação de políticas educacionais que venham sanar essas lacunas do conhecimento (GOULART et al., 2018). Nessa conjuntura, torna-se válido mencionar que a educação sexual é um aspecto estritamente relevante na adolescência, oportunizando o planejamento e informação adequados para a modificação das atitudes e comportamentos de risco nessa população (CHAVES et al., 2014)

Quanto à possibilidade de lesões orais indicarem a presença de IST, o fato de que aproximadamente apenas metade dos estudantes admitiram essa relação é um dado preocupante, particularmente por muitos terem sido orientados quanto a essa possibilidade e por muitas das principais IST apresentarem manifestações orais, como herpes, HPV, candidíase, sífilis, gonorreia e AIDS (BERALDO et al., 2020). Apesar desse inadequado quantitativo, os participantes foram capazes de citar corretamente as IST com acometimento oral. Nesse sentido, vale ressaltar que a identificação de lesões bucais feitas pelo próprio indivíduo pode trazer o diagnóstico precoce de doenças potenciais, o que por sua vez pode facilitar o tratamento e aumentar as chances de um bom prognóstico (DINGUELESKI et al., 2016).

No que diz respeito à orientação/informação realizada pelo profissional de saúde sobre as doenças sexuais com potencial de acometer a cavidade oral, os profissionais citados pelos adolescentes corroboram com os apresentados por Almeida et al. (2017). Nesse âmbito, segundo Miranda et al. (2019), os profissionais da área da saúde devem estar capacitados e atualizados para o compartilhamento correto de informações sobre os aspectos relacionados à atividade sexual. Contudo, a adequação da abordagem para o público-alvo dessa pesquisa é de substancial importância para o alcance do objetivo (ALMEIDA et al., 2017). Se torna ainda mais relevante às orientações sobre saúde sexual para adolescentes realizadas pelo profissional enfermeiro, este que age como educador, tem o papel primordial de informar e explicar, de forma clara e objetiva sobre os métodos contraceptivos, formas de prevenção à IST e os fatores de risco associados, bem como incentivar a autonomia e empoderamento dessa população (SEHNEM et al., 2019).

No tocante ao autoexame da cavidade oral, o resultado aqui obtido divergiu de Rovida et al. (2015), os quais, ao realizarem pesquisa com estudantes do ensino fundamental do município de Araçatuba - SP, a maioria afirmou não realizar esse tipo de avaliação. Contudo, deve-se considerar a diferença de escolaridade entre os participantes dos dois estudos. Este procedimento tem grande relevância por proporcionar um rápido diagnóstico e possibilitar fácil acompanhamento do quadro, deveria ser ensinado regularmente em atividades educacionais para a população, utilizando-se de linguagem fácil e prática para melhor entendimento da comunidade (SILVA et al., 2018).

Interessante foi o fato de que parte dos estudantes que faziam o autoexame desconheciam as lesões orais que poderiam ser detectadas, somando-se aos mais de 70% dos participantes que não detinham esse conhecimento. Esse dado pressupõe a desinformação dessa população sobre aspectos básicos de saúde, o que, por sua vez, desperta para a necessidade de se instituírem práticas de educação direcionadas a essa população no ambiente escolar. Tal atitude poderá capacitar os adolescentes quanto à manutenção da saúde oral e minimização de eventuais transtornos relacionados à cavidade oral (SPEZZIA, 2018).

Com respeito às possíveis lesões orais associadas às IST, essas podem envolver desde placas brancas, lesões avermelhadas, máculas ou nódulos e lesões exófitas com superfície rugosa (BERALDO et al., 2020) à perda dentária, sangramento espontâneo, vesículas (GOMES; SOARES; FELIPE, 2020) e edema (BERALDO et al., 2020). Particularmente, essas manifestações concordam com as apontadas pelos estudantes.

Embora o quantitativo de adolescentes que mencionaram saber as manifestações promovidas pelas IST na cavidade oral tenha sido reduzido, o fato de conhecer algumas delas foi um dado importante, tendo em vista que tais acometimentos e agravos, além de frequentes na população, têm a potencialidade de desencadear uma percepção negativa da autoimagem e da qualidade de vida do indivíduo, caso negligenciados (SILVA et al., 2016).

Sobre a associação entre ser participante do sexo feminino e ter a percepção de que lesões orais podem indicar a presença de IST, esse fenômeno pode estar vinculado a maior vulnerabilidade das mulheres a essas infecções, em decorrência de características biológicas e aspectos sociais e de gênero (MOURA et al., 2021), além do papel que exerce no cuidado familiar (MENEZES; MAIA, 2020), o que pode estimular a busca por informações relacionadas a essa temática.

No que diz respeito à relação entre ter renda superior a um salário mínimo e não ter a percepção de que lesões orais podem indicar a presença de IST, o achado foi inesperado, tendo em vista que populações que dispõem de melhores índices socioeconômicos tendem a ter maior conhecimento em saúde. Realmente, comportamentos relacionados à saúde estão entre os fatores associados aos determinantes econômicos (CARRAPATO; CORRÊIA; GARCIA, 2017).

Para a relação entre a idade e a realização de autoexame da cavidade oral, a associação entre ser participante com idade inferior ou igual a 17 anos e realizar esse tipo de exame pode resultar da curiosidade dos adolescentes, acesso a informações e compreensão quanto à influência que a saúde exerce sobre a qualidade de vida. A importância desse achado está no fato de que os hábitos saudáveis, quando praticados na infância e adolescência, tendem a se estender nas fases posteriores da vida (SOUSA et al., 2014).

Sobre a associação entre ser participante sem companheiro e desconhecer as IST, esse resultado pode ser compreendido se admitido que indivíduos sem companheiro podem praticar o ato sexual com menor frequência, o que pode despertar um menor interesse em relação a assuntos sexuais. Nesse sentido, a literatura aponta que indivíduos que apresentam companheiro tendem a praticar o cuidado mais significativamente (TREVIZANI et al., 2019).

## **CONCLUSÃO**

Concluiu-se que os adolescentes, embora apresentassem condições financeiras desfavoráveis, tinham boa autopercepção da saúde bucal e hábitos adequados de higiene oral, inclusive participando de ações educativas voltadas a esse tipo de saúde. Apesar de desconhecem as possíveis lesões causadas pelas IST na cavidade oral e a forma de transmissão dessas infecções, os estudantes conheciam as doenças e a relação dessas com a cavidade bucal, além de realizarem o autoexame dessa estrutura e terem sido orientados por profissionais de saúde.

Quanto às associações, elas envolveram o sexo, renda, idade e estado civil dos estudantes com a percepção desses de que a lesão oral indica presença de IST, realização de autoexame da cavidade oral e conhecimento de IST. O fato de ser do sexo feminino esteve associado a percepção de lesões bucais podem ser indicativos de IST, ter renda superior a um salário mínimo foi relacionado a não ter a percepção de que lesões orais podem indicar a presença de IST, ter idade inferior ou igual a 17 anos foi relacionado a prática de realizar o autoexame, assim como a associação entre ser participante sem companheiro e desconhecer as IST.

## REFERÊNCIAS

AHMAD, Inaam et al. A survey of oral hygiene practices amongst dental students.

**POJ**, v. 9, n. 1, p. 50-55, 2017.

ALMEIDA, Rebeca Aranha Arrais Santos et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 5, n. 70, p. 1033-1039, out, 2017.

ANDIFES. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES**. Uberlândia. Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

ARAÚJO, Márcia Vieira Muniz et al. Atuação dos profissionais de enfermagem nos cuidados com a higiene bucal de idosos institucionalizados em Montes Claros-MG. **Revista APS**, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 10-17, jan./mar. 2010.

BARBOZA, Eliane Porto. PERIODONTITE CRÔNICA: uma discussão sobre o tratamento não cirúrgico. **Revista Fluminense de Odontologia**, n. 46, 17 fev. 2017.

BATISTA, Mikael et al. **Atuação do enfermeiro na educação sexual na adolescência no contexto escolar**. **Brazilian Journal Of Development**, v. 7, n. 1, p. 4819-4832, 2021.

BENDO, Cristiane et al. Impacto das condições bucais na qualidade de vida dos indivíduos. **REV ASSOC PAUL CIR DENT**, v. 3, n. 68, p. 189-193.

BERALDO, Carolina Victória Apolinário et al. Manifestações bucais das principais doenças sexualmente transmissíveis. **Revista Interface**, v. 1, n. 1, jan./jul. 2020.

BHUIYAN, Md. Al-Amin et al. Oral Hygiene Awareness and Practices among a Sample of Primary School Children in Rural Bangladesh. **Dentistry Journal**, v. 8, n. 2, p. 36, 16 abr. 2020.

BOTTEGA, Angelita et al. ABORDAGEM DAS DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA ADOLESCÊNCIA: revisão de literatura. **Saúde (Santa Maria)**, p. 91-104, 9 jul. 2016.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019.

BRASIL. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. (org.). **Saúde e sexualidade dos adolescentes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 72 p.

CAMPOS, Cezenário Gonçalves et al. Conhecimento de adolescentes acerca dos benefícios do exercício físico para a saúde mental. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 24, n. 8, p. 2951-2951, ago. 2020.

CARRAPATO P.; CORREIA P.; GARCIA B. Determinante da saúde no Brasil: a procura da equidade na saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 26, n. 3, p. 676-689, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902017170304>>. Acesso em: 1 abr. 2021.

CHAVES, Ana Clara Patriota et al. Knowledge and attitudes of a public school's adolescents on sexual transmission of HIV. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 67, n. 1, p. 48-53, 2014.

COSTA, Fernanda et al. Oral health habits, prevalence of dental caries and dental erosion in adolescents. **Revista Gaúcha de Odontologia**, v. 65, n. 3, p. 202-207, set. 2017.

CRUZ, Marlene et al. **Práticas de higiene oral de graduandos de odontologia**. **Arch Health Invest**. Brasil, v. 3, n. 4, p. 52-56, 2015.



DIAS, Ernandes Gonçalves et al. Conhecimento e comportamento dos adolescentes de uma escola pública sobre sexualidade e métodos contraceptivos. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 41, n. 1, p. 120-130, dez, 2017.

DINGUELESKI, Amanda Helena et al. A importância do diagnóstico precoce e de campanhas de prevenção no combate ao câncer bucal. **Revista Gestão & Saúde**, v. 14, n. 1, p. 37- 43, 2016.

DOURADO, Évila Souza et al. Aspectos epidemiológicos e clínicos dos pacientes atendidos num serviço de referência em IST. **Brazilian Journal Of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 9579-9596, 2020.

FURLAMENTO M. F.; MARIN A. H.; GONÇALVES T. R. Acesso e qualidade da informação recebida sobre sexo e sexualidade na perspectiva adolescente. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 644-664, set, 2019.

GAZENDAM, Naomi et al. Individual and social determinants of early sexual activity: a study of gender-based differences using the 2018 Canadian Health Behaviour in School-aged Children Study (HBSC). **PLOS ONE**, v. 15, n. 9, p. 1-13, set, 2020.

GENZ, Niviane et al. Doenças sexualmente transmissíveis: conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 26, n. 2, 2017.

GOMES M. A. B.; SOARES M. V. S.; FELIPE L. C. S. Manifestações orais e tratamento em pacientes decorrentes da síndrome imunodeficiência adquirida: revisão de literatura. **Facit Business And Technology Journal**, v. 1, n. 21, p. 88-104, dez, 2020.

GONÇALVES, D. N.; SANTOS, H. R. R. Quem são os alunos das escolas estaduais de educação profissional do Ceará? Um estudo sobre o perfil socioeconômico. **Revista o Público e o Privado**, v. 6, n. 29, 2017.

GOULART, Amanda et al. **O conhecimento de estudantes sobre o HIV/AIDS e a importância de jogos e teatro na reconstrução de conceitos relacionados ao tema. Ensino, Saúde e Ambiente**. Brasil, v. 2, n. 11, p. 17-31, 2018.

GUTIERREZ D. M. D.; MINAYO M. C. S. Produção de conhecimento sobre cuidados da saúde no âmbito da família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 1, n. 15, p. 1497-1508, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2015**. Rio de Janeiro, 2016

JESSANI A, et al. Oral **Health Status and Patterns of Dental Service Utilization of Adolescents in Lesotho, Southern Africa**. *Children*, v. 8, n. 2, p. 120-133, 2021.

KUBO, F. M. M.; MIALHE, F. L. Fio dental: da dificuldade ao êxito na remoção do biofilme interproximal. *Arquivos em Odontologia*. Belo Horizonte, v. 1, n. 47, p. 51-55, jan, 2011.

MARCHEZINI, Rosângela Maria Ricardo et al. As infecções sexualmente transmissíveis em serviço especializado: quais são e quem as tem?. *Revista de Enfermagem UFPE*. v. 1, n. 12, p. 137-149, jan, 2018. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-946727>> Acesso em: 20 mar.2020.

MARTINS A. M. E. B. L.; BARRETO S. M.; PORDEUS I. A. Auto-avaliação de saúde bucal em idosos: análise com base em modelo multidimensional. *Cad Saúde Pública*. v. 2, n. 25, p. 421-435, 2009.

MARTINS, Andrea et al. Prevalence of oral cancer self-examination among elderly people treated under Brazil's Unified Health System: household health survey. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 20, n. 4, p. 1085-1098, abr. 2015.

MENEZES M. S.; MAIA; I. B. C. A participação da família no processo de cuidado da criança hospitalizada. *Serviço Social & Saúde*, Campinas, v. 19, p. 1-20, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/sss/article/view/8661082>>. Acesso em: 1 abr. 2021.

MILIAN, Milena et al. Cárie dental, hábitos alimentares e de higiene bucal em estudantes de uma cidade do interior de Rio Grande do Sul: levantamento epidemiológico. *Rev Adolescência e Saúde*. Rio Grande do Sul, v. 2, n. 16, p. 93-101, 2019.

MIRANDA, Patrícia et al. Contraceção em Adolescentes: conhecimentos e práticas em Portugal. *Acta Médica Portuguesa*, v. 32, n. 7-8, p. 505-513, ago. 2019. Ordem dos Medicos. <http://dx.doi.org/10.20344/amp.11088>.

MOURA, Samy Loraynn Oliveira et al. Percepção de mulheres quanto à sua vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Escola Anna Nery*, v. 25, n. 1, p. 1-8, jul. 2021.

NEWMAN, Lori et al. Global Estimates of the Prevalence and Incidence of Four Curable Sexually Transmitted Infections in 2012 Based on Systematic Review and Global Reporting. **Plos One**, [S.L.], v. 10, n. 12, p. 1-17, 8 dez. 2015. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26646541/>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

OLIVEIRA, et al. Educação sexual na adolescência e juventude: Abordando as implicações da sexualidade no contexto escolar. **SANARE**, Sobral, V12, n.2, p.07-13, jun./dez. – 2013.

PACHECO, Karina Tonini dos Santos et al. **Percepção de adolescentes sobre educação em saúde bucal no âmbito escolar. Revista Brasileira de Pesquisa em Enfermagem**. Vitória, v. 3, n. 20, p. 47-52, jul, 2018.

RIBEIRO, Bruna Brenha et al. **Importância do reconhecimento das manifestações bucais de doenças e de condições sistêmicas pelos profissionais de saúde com atribuição de diagnóstico. Odonto**, v. 39, n. 20, p. 61-71, 2012.

ROVIDA T. A. S.; MACHADO A. C. B.; SUNDEFELD M. L. M. M. O escolar como difusor de conhecimento sobre câncer bucal para a família. **Omnia Saúde**, v.12, n.1, p.68-75, 2015.

SANTOS, Letícia Mendes et al. Self-perception on oral health and its relationship with use of services and prevalence of tooth ache. **Rev Ciência Plural**, v. 2, n. 2, p. 14-27, 2016.

SANTOS, Paulo Sérgio dos et al. Impacto da remoção de biofilme lingual em pacientes sob ventilação mecânica. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 25, n. 1, p. 44-48, mar. 2013. GN1 Genesis Network.

SARMENTO M. G. S.; SANTOS O. A.; LIMA M M. Desafios da educação em saúde bucal na adolescência. **Revista Eletrônica Acervo Odontológico**, v. 2, 9 out. 2020. Disponível em:<<https://acervomais.com.br/index.php/odontologico/article/view/4249>>. Acesso em: 01 abr. 2021.

SEHNEM, Dutra et al. Saúde sexual e reprodutiva de dois adolescentes: percepções dos profissionais em enfermagem. **Advances in Nursing** ,, v. 37, n. 3, p. 343-352, 2019.

SILVA JUNIOR, Ivan Freire da et al. Saúde Bucal do Adolescente: Revisão de literatura. **Revista Adolescência e Saúde**. v. 1, n. 13, p. 95-103.

SILVA R. T.; FREIXINHO A. B. S; MIASATO J. M. **Verificação do conhecimento e hábitos de saúde bucal em adolescentes de uma escola particular. Revista de Odontologia da Unicid**, São Paulo, v. 1, n. 24, p. 19-26, 2012.

SILVA, Maxwell Arouca et al. Câncer de boca- ação educativa centrada na capacitação para o auto-exame. **Revista Ciência em Extensão**, v.14, n.1, p.116-124, 2018.

SILVA, Aniel de Sarom Negrão et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saúde**, v. 1, n. 6, p. 27-34, 2015.

SILVA, Cosmo Helder Ferreira et al. Condições bucais e hábitos de higiene oral de adolescentes usuários da estratégia de saúde da família do município de Umirim-CE. **Revista Digital APO**, v. 2, n. 2, p. 2-9, 2019. DOI: 10.5935/2526-8155.20180009. Disponível em: <<https://www.apopara.com.br/revista/index.php/apo/article/view/56>>. Acesso em: 22 mar. 2021.

SILVA, Jessica Natany et al. Impactos do diagnóstico da infecção sexualmente transmissível na vida da mulher. **Enfermagem em foco**, v. 2, n. 8, p. 23-27, 2018.

SOUSA Z. A. A.; SILVA J. G.; FERREIRA M. A. Saberes e práticas de adolescentes sobre saúde: implicações para o estilo de vida e cuidado de si. **Esc Anna Nery**, v. 3 18, p. 400-406, 2014.

SPEZZIA S.; CARVALHEIRO E. M.; TRINDADE L. L. Uma análise das políticas públicas voltadas para os serviços de saúde bucal no Brasil. **Revista brasileira de odontologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. 1/2, p. 109-13, jan./jun. 2015.

SPEZZIA, Sergio. Alterações periodontais na adolescência. **Revista Periodontal**, v. 28, n. 1, p. 43-47, 2018.

SPINOLA, Mara Cristiany Rodrigues et al. Fatores associados à iniciação sexual precoce de adolescentes em Santarém-PA, **SANARE**, Sobral, v. 1, n. 19, p. 36-47, jan, 2020.

THAPA, Pushpa et al. Oral hygiene practices and their socio-demographic correlates among Nepalese adult: evidence from non communicable diseases risk factors STEPS survey Nepal 2013. **BMC Oral Health**. 16:105, 2016.

TREVIZANI, Fernanda Auxiliadora et al. Self-care activities, sociodemographic variables, treatment and depressive symptoms among older adults with Diabetes Mellitus. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 72, n. 2, p. 22-29, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0579>.. Acesso em: 1 abr. 2021.

VICENTE, Roberta Cristina Aparecido et al. Conhecimento dos adolescentes sobre as infecções sexualmente transmissíveis. **Brazilian Journal Of Development**, v. 6, n. 10, p. 82001-82012, 2020.